

## HUMANIDADES DIGITAIS E SUAS MANIFESTAÇÕES DE MEMÓRIA: CONSTRUÇÕES DE SENTIDOS DO PASSADO DE CAMPOS DO GOYTACAZES EM COMUNIDADES DO FACEBOOK

GEORGE LEONARDO SEABRA COELHO

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Arraias, Tocantins, Brasil

MARIA APARECIDA PIRES RIBEIRO

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Porto Nacional, Tocantins, Brasil

LETÍCIA SILVA NUNES

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, Espírito Santo, Brasil

CHRISTIANO BRITTO MONTEIRO DOS SANTOS

Universidade Federal Fluminense (UFF), Campos do Goytacazes, Rio de Janeiro, Brasil

---

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o decurso da apropriação do *Facebook* como novo lugar de memória da cidade de Campos dos Goytacazes, bem como entender de que maneira a memória reproduzida na plataforma digital em questão diz respeito a construída pelas elites locais. Portanto, recorreremos à contribuições acerca dos espaços virtuais como novos espaços de interação social, além de propor a análise de postagens presentes no grupo *Relembrando Campos* a fim de estudar de que forma a memória campista vem sendo construída, reproduzida e configurando a rede social enquanto lugar de memória e, portanto, lugar de rememoração e manutenção de vestígios do passado.

PALAVRAS-CHAVE: Mídias Sociais; Cultura Digital; História.

---

### INTRODUÇÃO

Esta pesquisa analisa o *Facebook* como um lugar de memória digital sobre o município de Campos dos Goytacazes no estado do Rio de Janeiro. Com base nos pressupostos da História Social e Cultural<sup>1</sup>, problematizamos como a referida rede social digital pode ser pensada como um espaço virtual para preservar e/ou publicizar a memória coletiva e a História local. Entendemos que o *Facebook* estabelece formas de interações e produção de novas narrativas, como também possibilita outros processos de rememoração das tradições mantêm mitos de origem e ideais sobre a terra goitacá.

A discussão acerca dos Lugares de Memória<sup>2</sup> trabalhada aqui está diretamente inserida na diferenciação entre História e Memória, bem como na utilização desses lugares como espaço de interação social e disseminação de uma memória tradicionalmente construída. Segundo Pierre Nora (1993), a aceleração da História a partir dos tempos modernos produziu o brusco distanciamento entre a História e a Memória, isso porque a memória representa a condução às origens, aos mitos e a identidade de um povo. Em suma, significa dizer que a Memória está diretamente

relacionada à existência de grupos vivos e, portanto, se configura no tempo presente e está sempre em constante evolução, aberta à dialética sucessiva da lembrança e do esquecimento contínuo.

A Memória se instala, ainda, no campo afetivo e sagrado e é, portanto, alimentada por lembranças vagas, globais e simbólicas. Assim, a Memória se inscreve no plano concreto de imagens, símbolos, objetos e, a partir das lembranças dos grupos que a remetem, são absolutas (Nora, 1993). Já a História seria o vestígio desse passado e, por isso, reconstrói problemáticas do passado, sendo essas sempre incompletas. É, por conseguinte, uma operação intelectual de análise e crítica, que está diretamente relacionada à continuidade temporal e à relativização, sendo a Memória objeto de suspeição para a História (Nora, 1993).

Nora (1993) define História e Memória como conceitos antagônicos e, dessa forma, os Lugares de Memória se fazem presentes porque a Memória é transportada pela História a partir da distância, do rastro e da mediação. Partindo da perspectiva das aproximações entre a Memória e o lugar, faz-se necessário analisar de que forma as redes sociais digitais modificam a relação da sociedade com os Lugares de Memória tradicionalmente estabelecidos. Seguindo essa perspectiva, Casadei (2010) se propõe a discutir de que maneira as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) redefinem os Lugares de Memória tradicionais e, para isso, acompanha a noção de Lugar de Memória definida por Nora (1993). Nesse sentido, a autora aponta o surgimento da imprensa como fator essencial para a grande expansão quantitativa da memória coletiva, ao tornar acessíveis matérias antes restritas a museus e arquivos, por exemplo. Em consonância a isso, os avanços tecnológicos se apresentam, então, como uma nova onda revolucionária.

A técnica de reprodução pode ser caracterizada como um fenômeno que liberta o objeto reproduzido do domínio da tradição (Benjamin, 2018). Por meio da multiplicação das reproduções, ocorre a substituição da ocorrência única pela ocorrência em massa. Esse processo permite que a reprodução alcance um público mais amplo e atualize o objeto reproduzido em cada uma de suas situações (Benjamin, 2018). Tanto a multiplicação das reproduções quanto a sua capacidade de chegar aos espectadores estão intimamente relacionadas com os movimentos de massas da contemporaneidade. Esses processos, por sua vez, provocam uma profunda transformação no objeto reproduzido, abalando a tradição e trazendo consigo uma crise atual, mas também uma renovação para a humanidade (Benjamin, 2018).

As imagens do passado nas páginas de *Facebook* podem ser utilizadas como ferramentas de controle ideológico, manipulando a percepção das pessoas sobre sua própria história e moldando sua identidade coletiva. No que concerne a essa problemática, Walter Benjamin (2018), discute a transformação da experiência estética e da relação com o passado diante do avanço da tecnologia e da reprodução em massa. Em seus estudos, o filósofo discute a perda da aura da obra de arte original em um contexto de reprodução técnica (Benjamin, 2018). O autor argumenta que a reprodução em massa – como a fotografia e o cinema – rompe a unicidade e a autenticidade da obra de arte, transformando-a em um objeto reproduzível e facilmente acessível. Nesse sentido, enxergamos nas páginas de *Facebook* analisadas uma forma de reprodução

técnica que também envolve a construção e difusão de imagens e representações do passado.

A utilização de versões do passado para divulgar uma determinada visão dos acontecimentos e do patrimônio histórico está relacionada à criação de uma imagem idealizada da cidade, muitas vezes com o objetivo de promover ou reforçar uma identidade local específica. Essa construção da memória e dos sentidos do passado pode envolver a seleção de determinados elementos históricos, a manipulação de imagens e a criação de narrativas que reforçam uma determinada visão. O resultado é a perda da autenticidade e a manipulação da memória histórica nessas representações, levando à uma superficialidade e banalização da experiência estética, já que a imagem reproduzida perde sua conexão original com o contexto histórico e perde sua aura única e autêntica.

Tal proposição se baseia na possibilidade de novas formas de relacionamento dos indivíduos para com o passado, bem como a viabilidade de interação e participação ativa e desses sujeitos na construção da Memória e da identidade coletiva. Casadei (2010) destaca o papel das reconfigurações de linguagem para a reestruturação dos modos de cognição nos espaços virtuais de comunicação, ou seja, as TDIC permitem uma reorganização radical da linguagem a partir de diversificados modos de escritos, falas e visualidades. Tais ferramentas implicam, assim, em novas formas de absorção da informação, além de transformar o usuário em um ator na construção das sobreditas informações (Casadei, 2010). Diante do exposto, problematizaremos os processos de apropriação do *Facebook* como espaço para compartilhamento de memórias relacionadas a Campos dos Goytacazes no grupo *Relembrando Campos*.

#### CULTURA DIGITAL E SOCIEDADE EM REDE: NOVOS ESPAÇOS DE PARTICIPAÇÃO SOCIAL

A Cultura Digital<sup>3</sup> vem provocando novas necessidades e reformulando as relações sociais, o que torna imperativo problematizar seus impactos sociais. Ao compreender essa sociedade que emergiu com as novas formas de comunicação, proporcionadas pelas TIDC, Rui Fava inspirou-se nas proposições teóricas de Henry Jenkins (2006). A partir delas, Fava (2014) reforça a constatação de que o atual estágio de comunicação pode ser definido como “cultura da convergência<sup>4</sup>”, ou seja, a “passagem do estágio de cultura interativa para a cultura participativa que alimenta os três desejos da atual geração: compartilhar informações, influenciar semelhantes, manter-se informado” (p. 13).

No que concerne ao cenário atual permeado pelas TDIC, Jenkins (2015, p. 23) entende que a sociedade está organizada pela “cultura da conexão”. Para o autor, a “cultura da conexão” é marcada por um modelo híbrido e emergente de circulação, em que uma miscelânea de forças determina como as informações são compartilhadas. Estas concepções são desdobramentos das proposições de Pierre Lévy (1999), que são amplificadas por Wilson Gomes (2018). Gomes (2018, p. 80) chama a atenção para a “era da hiperconexão” como característica da sociedade contemporânea.

Podemos citar outro efeito que emergiu dessa cultura digital que é a “cultura da convergência”, definida por Jenkins (2013). Para ele, na “cultura da convergência” (p. 31) ocorrem diversas interações: entre as velhas e as novas mídias; entre as mídias corporativas e as mídias alternativas; e, entre o poder do produtor de mídia e o poder do

consumidor (Coelho *et al.*, 2022). O intelectual norte-americano entende que ocorre o “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação” (Jenkins, 2013, p. 30).

Outra característica dessa nova sociedade apontada por Jenkins (2013) é o da “cultura participativa”. Essa definição, segundo o autor, contrasta com noções tradicionais sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação, pois em “vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos [...] considerá-los como participantes interagindo” (Jenkins, 2013, p. 30-31). Jenkins (2013) compreende que os ambientes digitais cumprem funções de referência intelectual, afetiva, política, ideológica, identitária, entre outras. O acesso ao digital possibilita ler, ver, publicar, compartilhar e interagir em qualquer hora e local, em outras palavras, “se antes era necessário construir sociabilidade apenas no espaço físico – o que, óbvio, ainda acontece –, no mundo real contemporâneo é diferente, pois as relações são essencialmente promovidas no ciberespaço” (Coelho *et al.*, 2022, p. 106). Para Coelho *et al.* (2022, p. 106), torna-se necessária

a compreensão desses diferentes tipos de cultura – conexão, convergência, participativa – uma análise antropológica [também sociológica e histórica] digital que possibilite entender os seres humanos além dos aspectos biológico e social, mas agora na condição de ser conectado.

Quanto ao conceito “comunidade”, as discussões em relação ao termo utilizado para as redes sociais digitais ressaltam a implicação do abandono da comunidade enquanto espaço físico<sup>5</sup>. Significa dizer que a partir da *internet* e do deslocamento da comunidade para as plataformas digitais estamos impulsionados a interromper as limitações impostas pelos corpos para interagirmos apenas como mentes. Assim, o conceito de “comunidade” sofre radicais mudanças ao ser transportado para o ambiente virtual, na medida em que não se submete a um território ou modo de vida, ou seja, baseia-se apenas no significado que a “comunidade” adquire para os indivíduos nela envolvidos. Portanto, não se trata da utilização de um conceito em um novo sistema de comunicação, mas sim de uma importante mudança de ênfase, ou seja, a relevância antes conferida às distâncias geográficas agora se volta para o senso de coletividade (Casadei, 2009, p. 9).

Com base nessa premissa, compreendemos que o *Facebook* se apresenta para a população campista – a partir da página *Relembrando Campos* – como mais um lugar de memória, mesmo frente aos antagonismos referentes a sua estrutura, que é digital. Isto se explica porque as sobreditas interfaces se apresentam enquanto espaço público e, mais que isso, como ambiente de interação social e disseminação da memória tradicionalmente construída, além de permitir o engajamento tanto pela linguagem quanto pela participação do usuário. Para Furstenau (2015, p. 52), o “uso dos meios de comunicação, informação e tecnologias disponíveis, propiciaram espaços virtuais sociais,

novas ágoras urbanas, escopos públicos de discussão, que mudam os hábitos e forma dos relacionamentos, bem como, de atuação social”.

Em relação a esses ambientes, Furstenau (2015) entende que os espaços públicos foram, inicialmente, uma resposta ao processo de apropriação das cidades, sendo, portanto, uma dicotomia para com o espaço privado. Nesse sentido, os espaços públicos e, em nosso caso, o *Facebook*, são palco das expressões sociais e, portanto, é necessário entender os comportamentos e relações referentes aos grupos ali presentes a fim de compreender a função do sobredito lugar. Portanto, diferentes grupos produzem diferentes significados nos espaços ocupados, bem como funções diversas resultam de antagônicas construções sociais.

Seguindo na mesma direção, Castells (2013) aponta as cidades e seus espaços como locais de processos dinâmicos e capazes de promover conflitos, resistência e luta de interesses, por exemplo. Assim, as redes sociais digitais – entendidas como espaços públicos – podem se tornar lugares propícios à potencializar a construção e a transformação da sociedade, pois se inserem como ferramenta de ligação e enriquecimento das relações sociais (Furstenau, 2015).

Ao trazer esse debate para o entendimento da “memória coletiva” neste novo espaço de socialização, destacamos que o indivíduo não se recorda sozinho, pois as memórias são pensadas a partir de convenções sociais, em outras palavras, é continuamente reconstruída. Significa dizer, também, que a constituição da memória de forma individual é resultado de combinações de diferentes grupos de influência. Não podemos negar que tal processo de constituição da memória coletiva incorpora elementos de dominação e violência, as quais são resultantes da organização em um campo de conflitos sociais, sendo assim parte fundamental na construção das identidades.

Diante o contexto das TDIC, entendemos que nenhum outro período histórico produziu mais Lugares de Memória e/ou estabelecimentos voltados para a guarda de acervo como essa sociedade hiperconectada, o que não se explica apenas pela maior intensidade de produção documental por meio das modernas ferramentas tecnológicas, mas essencialmente pela especificidade na manutenção desses registros na forma de vestígio para a posteridade. Assim, os Lugares de Memória tornam-se espaços com efeito de sentido triplo, pois se materializam no campo material, simbólico e funcional simultaneamente. Em relação às mídias sociais digitais e, mais especificamente ao *Facebook*, destacamos a importância das técnicas de comunicação, seja na disseminação da memória quanto na vulgarização de aspectos históricos no processo de construção da memória coletiva, seja ela nacional ou, como no nosso caso, regional. Portanto, os novos campos interativos apresentam-se como novo espaço propício à atribuição de significados ao passado e, conseqüentemente, novos Lugares de Memória.

É importante frisar, também, de que maneira a elite dominante sobressai no processo de construção da memória que, conseqüentemente, tende a reproduzir tais elementos enquanto verdades históricas. Martino (2007) destaca justamente a ascensão de uma classe dominante ao poder como fator determinante para a ascensão da cultura de massas. Após a Revolução Industrial a sobredita classe assumiu papel central nas esferas econômicas, mais que isso, começou a dominar as relações políticas e culturais. É precisamente nesse contexto que surge, não só, a produção de bens concretos nas fábricas, mas a produção em massa de bens simbólicos. Ainda, segundo Martino, a

notícia é o retrato do senso comum, das práticas e ideias presentes no circuito social e é justamente nesse sentido que analisaremos as postagens, isto é, como uma forma de conhecimento mais próxima ao popularmente estabelecido na sociedade campista (Martino, 2007).

Assim, é importante ressaltar que a hegemonia dos meios de comunicação e da estrutura educacional foi e ainda é elemento fundamental para a reprodução da estrutura dominante, visto que esta não seria possível sem o desenvolvimento de um sistema de informações capaz de atingir o grande público. Apesar de tal hegemonia, bem como o controle político e cultural por parte dessa elite dominante, torna-se necessário salientar que nenhuma relação cultural é linear, posto que se trata de um combate entre forças políticas e culturais que tem no conflito seu elemento principal (Martino, 2007, p. 131-135). No decorrer das postagens observamos o caráter romântico conferido aos tempos áureos da cidade, bem como a exaltação de figuras históricas e, conseqüentemente, os esquecimentos sociais, o não dito. Vemos, ainda, lamentos em relação a não manutenção de vestígios para as próximas gerações de campistas e disputas discursivas acerca do passado ali apresentado.

Com base em nosso arcabouço conceitual, vemos como as publicações – no grupo *Relembrando Campos* – encontradas no *Facebook* trabalham com a memória coletiva campista, as quais podem – até certo ponto<sup>6</sup> – ser constantemente utilizados e rememorados a partir das sobreditas postagens. Observemos, na próxima seção, como algumas postagens feitas no *Facebook* reproduzem a influência da memória tradicionalmente. Nesse sentido, evocamos as contribuições feitas anteriormente, tanto em relação à discussão frente aos campos digitais quanto acerca da memória, sua construção e importância na estruturação da identidade local.

#### GRUPO RELEMBRANDO CAMPOS COMO LUGAR DE MEMÓRIA DIGITAL

Criado em 2 de setembro de 2013, o grupo *Relembrando Campos* se apresenta como uma das mais populares plataformas digitais relacionadas à cidade de Campos dos Goytacazes. Atualmente o mesmo conta com cerca de 14 mil membros e sua estrutura permite publicações de qualquer usuário. Acreditamos que do ponto de vista histórico-metodológico, tal interatividade pode ser um desafio, visto a liberdade proporcionada pela *web* e uma possível ausência metodológica no que diz respeito a discussões historiográficas que, diga-se de passagem, não pode ser cobrada de uma página de *FaceBook*.

Por outro lado, em relação à memória, as diversas versões e nuances se apresentam enquanto representação dos diversos grupos sociais atuantes. Assim, o grupo apresenta essencialmente a dualidade na relação entre História e Memória, conceitos usados por vezes de forma equivalente por parte dos usuários. Apesar disso, percebemos essa interface enquanto Lugar de Memória, posto que, assim como as tradicionais instituições de guarda e acesso documental como o Arquivo ou o Museu, a mesma atua como espaço de rememoração e, mais que isso, contribui na reprodução de uma história construída pela elite local baseada nos grandes feitos e nos famosos vultos históricos. Tais características se evidenciam a partir da descrição do próprio grupo:

Quando eu criei o “GRUPO RELEMBRANDO CAMPOS”, foi com a única intenção de proporcionar aos meus amigos lembranças de um tempo longínquo mas que não sai da nossa memória. Resgatar fotos e momentos que o tempo não apaga. Um acervo para a história da nossa cidade e de seus ilustres e autênticos campistas. Não admito que “usem” de forma politiqueira e oportunista estas verdadeiras relíquias. Abomino toda forma de “interesses escusos” para atingir A ou B. Portanto, àqueles que entenderam minha intenção, meu agradecimento e se deliciem com este mini museu de recordações que só objetiva os antepassados e a cultura de nossa Campos dos Goytacazes. – Administradora<sup>7</sup>.

Como visto, o objetivo central do grupo é proporcionar lembranças de tempos longevos, além de criar um acervo histórico da cidade e de seus “ilustres e autênticos campistas”. Neste trecho, portanto, evidencia-se a exaltação de grandes figuras, assim como o sentimento de necessidade de resgate de um passado passível de ser perdido. Ademais, o trecho “Não admito que ‘usem’ de forma politiqueira e oportunista estas verdadeiras relíquias” demonstra justamente a apropriação da memória tanto por parte da administradora quanto dos usuários. Portanto, o grupo *Relembrando Campos* denota elementos de Lugar de Memória campista em uma plataforma digital. Por fim, enfatizamos essa intenção por parte da administradora, que espera que seus companheiros se deliciem com “este minimuseu de recordações”.

Ao analisarmos o *print*, reproduzido na Figura 1, observamos alguns dos aspectos que apontam para a relação direta entre edifícios tradicionais e a noção de manutenção da História campista para a posteridade.

Figura 1 - Palacete dos Ribeiro de Castro



Fonte: Publicação do Grupo *Relembrando Campos* de 05/09/2013<sup>8</sup>.

Na postagem em questão é possível perceber o saudosismo frente a um passado de boas lembranças, assim como a insatisfação com o descaso atual para com a sobredita edificação. Nesse sentido, observamos claramente a preocupação com a preservação da construção como um Lugar de Memória, bem como a ideia de uma cidade sem passado a partir da destruição dos prédios antigos. Outrossim, é possível notar o descontentamento com a prática aparentemente recorrente na cidade, vide que, a partir dos comentários, podemos observar expressões como “É esta doença que paira pela cidade” ou “Tudo em nome do progresso”, trechos que corroboram, portanto, a continuidade da sobredita intervenção.

A publicação reproduzida na Figura 2 diz respeito à exaltação de grandes figuras campistas, seja um político local como José do Patrocínio. Vejamos:

Figura 2 - José do Patrocínio



Fonte: Publicação do Grupo *Relembrando Campos* de 19/10/2017<sup>9</sup>.

Em relação à José do Patrocínio nota-se também o enaltecimento de figuras históricas, visto que, mesmo que a sobredita personalidade tenha apenas nascido na cidade e feito sua carreira política majoritariamente no Rio de Janeiro, sua história ganha destaque na memória campista mesmo que a população não conheça ao certo sua representatividade. O comentário a seguir – retirado da postagem – expõe essa intenção: “Como é ruim descobri [sic] que conheço tão pouco da nossa história” ou “Linda história de José do Patrocínio, pena que pouco divulgada”.

Nos dois casos podemos perceber a inserção de figuras ilustres, ambos com visões romantizadas e difusas no imaginário popular. É importante destacar que ainda que suas contribuições históricas não estejam necessariamente esclarecidas para a população sua presença se faz ativa, em ambos os casos inclusive em nomes de escolas. Em contrapartida, além da visão romântica acerca de um passado glorioso e com inúmeros ilustres conterrâneos, observamos também memórias pejorativas acerca do estereótipo campista, bem como disputas discursivas a fim de apresentar fatos desconhecidos pela maior parte da população, como visto na figura 3.

Figura 3 - Joaquim Silvério dos Reis



Fonte: Publicação do Grupo *Relembrando Campos* de 21/04/2017<sup>10</sup>.

Nessa postagem, está presente o relato da vinda de Joaquim Silvério dos Reis – delator da Conjuração Mineira – para Campos dos Goytacazes. Nos comentários podemos observar tanto o tom pejorativo dado aos campistas – “Está explicado uma parte da herança genética da planície lamacenta” ou “Será que o Judas deixou descendentes aqui?” – quanto a tentativa de desmistificá-lo a partir da discussão acerca do ditado popular “campista, nem fiado nem à vista”. Nesse caso, um dos usuários afirma que o bordão correto seria “campista, nem fiado nem à vista, a saga dessa gente que não se vende”. Nota-se, portanto, que o mesmo bordão assume dois significados distintos, sendo o grupo nesse caso atuante não apenas como Lugar de Memória, mas também como local de disputas discursivas.

No decorrer de todo o trabalho buscamos destacar, tanto o destaque dado aos grandes momentos da cidade e a importância conferida às figuras ilustres quanto o

esquecimento para com aspectos relacionados à participação popular. No que toca as camadas populares, o *print* a seguir é bastante elucidativo:

Figura 4 - Homenagem Wilson Batista



Fonte: Publicação do Grupo *Relembrando Campos* de 11/11/2013<sup>11</sup>.

Ao analisarmos a Figura 4 observamos novamente o descontentamento com os conterrâneos frente ao descaso com o passado histórico, principalmente por meio do comentário: “Acredito que em Campos a história só será levada mais a sério, no dia em que os antigos ‘ressuscitarem’ para dar um corretivo nos que deveriam protegê-la e não o fazem”. Além do mais, observa-se que a lembrança de personalidades relacionadas às camadas populares é apresentada pelo poder público por meio de uma relação direta com comemorações também relacionadas à plebe, como o Carnaval. Por outro lado, as exaltações oficiais e de mais prestígio estão reservadas aos vultos históricos geralmente elegidos e pertencentes à elite local. É possível observar, por exemplo, no corredor histórico da Câmara Municipal, onde estão expostos bustos de personagens como Benta Pereira, considerada por muitos como uma heroína ao ser uma das lideranças políticas de um levante organizado em 1748 contra o donatário da capitania, e Saldanha da Gama, Almirante da Marinha do Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto ao longo deste texto, destacamos alguns dos aspectos encontrados no grupo *Relembrando Campos* e que corrobora para a noção de que essa plataforma se apresenta enquanto lugar de memória campista, além de espaço de reprodução de uma história tradicionalmente contada. As memórias expostas nas postagens dizem respeito

às memórias coletivamente construídas e reproduzidas. É importante ressaltar que, apesar de serem construídas coletivamente, tais memórias não são homogêneas, vide os diferentes grupos sociais nos quais os usuários se inserem. Apesar disso, muitos enunciados são constantes no grupo estudado, tais como: a exaltação de grandes personalidades, a preocupação para com a manutenção de vestígios, a idealização de um passado glorioso e a angústia frente um presente decadente.

Evidenciamos a efetividade com que os grandes episódios, assim como importantes nomes da história estão inseridos no imaginário popular e são amplamente reproduzidos na plataforma digital a partir da interatividade proposta pelo *Facebook*. Entendemos que a página *Relembrando Campos* se apresenta enquanto um novo lugar de memória campista, visto que se tornaram lugares de rememoração e guarda do passado local, além disso, denotam aspectos que corroboram a reprodução de uma história tradicional construída a partir das elites vigentes. É importante ressaltar, ainda, que tal evento possivelmente se dá justamente a partir da possibilidade de interação dos usuários, que não necessariamente utilizam do rigor metodológico estabelecido para a produção de uma análise historiográfica, mas que são permitidas pela subjetividade da memória.

Por meio do *Facebook*, os novos Lugares de Memória digital campista se estabelecem, os quais podem ser entendidos tanto de produção e reprodução de discursos construídos de forma coletiva, quanto ferramentas de manutenção de vestígios para as gerações seguintes. Assim, as interfaces digitais atuam como ambiente favorável à manutenção de memórias, rememorações, lembranças e esquecimentos que compõem não só o imaginário popular. Porém, apesar de apresentar aspectos que relacionam diretamente a memória aos tradicionalismos históricos construídos por um projeto elitista, tanto a página estudada apresenta também discussões discursivas que permitem ainda a quebra de paradigmas. Desta forma, assim como Pierre Lévy (1999), não concebemos as mídias digitais e especificamente esses novos Lugares de Memória com pessimismo, visto que, ainda que muitos dos fatores presentes sejam reproduções cruas, a interatividade permitida e proposta pelos mesmos pode vir a ser elementos fundamentais para a construção de novas problemáticas, interpretações e discussões sociais. Seguindo esse raciocínio, defendemos a necessidade de adentrar na análise dos impactos provocados pelo sobredito fenômeno no que tange a construção e a reprodução da memória presente no imaginário popular de Campos dos Goytacazes.

Apesar da liberdade proporcionada pela *web* vemos a ausência metodológica. Frente a esse fato, questionamos: Será possível cobrar algum tipo de metodologia nestas postagens? Nossa resposta é negativa, uma vez que esse seria o papel do professor. Entendemos que é fundamental que o professor de História esteja preparado problematizar esses Lugares de Memória digital com base em análises críticas dessas páginas e atividades didáticas junto com alunos, onde tais redes sociais digitais podem ser apropriadas no ensino de História. Outra questão importante que levantamos foi a total ausência total de discussões historiográficas. Da mesma forma como a questão anterior, essa também não deve ser cobrada das redes sociais digitais, pois nesse ponto o professor de História tem a possibilidade de ampliar o debate com novas fontes, estudos e problemas, em outras palavras, essa ação do docente pode abrir novos horizontes para o Ensino de História.

De todo modo, consideramos que os estudos históricos voltados para o ambiente virtual e as novas formas de apropriação de tal espaço, assim como seus impactos sociais e comunicacionais requerem outros estudos, tanto em seu âmbito geral quanto regional. Visto por esse ângulo, novos caminhos podem ser trilhados, como a análise de outras plataformas ou até mesmo outras redes sociais como, por exemplo, o *Instagram*. Para além, pesquisas futuras podem ainda adentrar o campo da história oral a fim de perceber de que forma a memória reproduzida no ambiente virtual se dissemina e está presente no imaginário campista e no dia a dia local.

Artigo recebido em: 30/06/2023

Aprovado para publicação em: 20/11/2023

---

DIGITAL HUMANITIES AND THEIR MANIFESTATIONS OF MEMORY: CONSTRUCTIONS OF MEANINGS OF THE PAST OF CAMPOS DE GOYTACAZES IN FACEBOOK COMMUNITIES

**ABSTRACT:** This article aims to analyze the course of the appropriation of Facebook as a new place of memory of the city of Campos dos Goytacazes, as well as to understand how the memory reproduced on the digital platform in question concerns the one constructed by the local elites. Therefore, we will resort to contributions about virtual spaces as new spaces of social interaction, in addition to proposing the analysis of posts present in the group Remembering Campos in order to study how the memory of Campos has been constructed, reproduced and configuring the social network as a place of memory and, therefore, a place of remembrance and maintenance of traces of the past.

**KEYWORDS:** Social Media; Digital Culture; History.

---

HUMANIDADES DIGITALES Y SUS MANIFESTACIONES DE LA MEMORIA: CONSTRUCCIONES DE SIGNIFICADOS DEL PASADO DE CAMPOS DE GOYTACAZES EN LAS COMUNIDADES DE FACEBOOK

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo analizar el curso de la apropiación de Facebook como un nuevo lugar de memoria de la ciudad de Campos dos Goytacazes, así como entender cómo la memoria reproducida en la plataforma digital en cuestión se refiere a la construida por las élites locales. Para ello, recurriremos a las aportaciones sobre los espacios virtuales como nuevos espacios de interacción social, además de proponer el análisis de los posts presentes en el grupo Relembrando Campos para estudiar cómo se ha construido, reproducido y configurado la memoria de Campos en la red social como lugar de memoria y, por tanto, lugar de recuerdo y mantenimiento de las huellas del pasado.

**PALABRAS CLAVE:** Redes Sociales; Cultura Digital; Historia.



---

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BENJAMIN, W. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. L&PM Editores, 2018.

CASADEI, E. B. **Os Novos Lugares de Memória na Internet: As Práticas Representacionais do Passado em um Ambiente On-line**. 2009. USP. In: <http://www.bocc.ubi.pt/>. Acesso em 28 ago. 2023.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

COLEHO, G. L. S. *et al.* **Entre o esperado e o real: tecnologias digitais, ensino e manuais didáticos de História**. História Hoje. Volume 11, n. 23, Julho-Dezembro, p. 102-127. Disponível em: <https://rhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/924/464> Acessado em: 18 jul. 2023.

FAVA, R. **Educação 3.0**. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERNBACK, J. **Beyond the diluted community concept: a symbolic interactionist perspective on online social relations**. New Media Society. Ano 9, número 49, 2007, p. 49-69.

FURSTENAU, K. K. **As mudanças sociais nos espaços urbanos com o uso da internet: a relação do uso dos espaços urbanos com o Facebook**. Florianópolis, 2015.

GOMES, W. **A democracia no mundo digital: história, problemas e temas**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. e-PUB.

JENKINS, H. **Convergence Culture. Where Old and New Media Collide**. New York: NYU Press. 351 páginas. 2006.

JENKINS, Henry. **Cultura da conexão** [livro eletrônico]: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2015. ePUB.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2013. ePUB.

KENSKI, V. M. **Verbete Cultura Digital**. In: MILL, Daniel (org.). **Dicionário Crítico de Educação e Tecnologias e de educação a distância**. Campinas: Editora Papirus, 2018.

COELHO, G. L. S.; RIBEIRO, M. A. P.; NUNES, L. S.; SANTOS, C. B. M. dos.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2001.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, P. **O que é virtual?**. 1ª Ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

MARTINO, L. M. **Estética da Comunicação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n.10, dez. 1993, p. 7-28

WILLIAMS, R. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. São Paulo: Boitempo, 2007.

---

GEORGE LEONARDO SEABRA COELHO: Pós-doutor em História pela UFG, Unirio e UFT, Coordenador do programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas e Líder do Grupo de Pesquisa em Mídias Tecnologias e História (MITECHIS).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3166-4008>

E-mail: [george.coelho@hotmail.com](mailto:george.coelho@hotmail.com)

---

MARIA APARECIDA PIRES RIBEIRO: Graduada em História e Mestranda do programa de Pós-Graduação em História das Populações Amazônicas (PPGHispam-UFT) e membro do Grupo de Pesquisa em Mídias Tecnologias e História (MITECHIS).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3176-5340>

E-mail: [maria.pires@uft.edu.br](mailto:maria.pires@uft.edu.br)

---

LETÍCIA SILVA NUNES: Licenciada em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Pós graduada em Museografia e Patrimônio Cultural; e mestranda em História pela Universidade Federal do Espírito Santo, e atualmente coordena o setor denominado "Arquivo Permanente", no Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, Campos dos Goytacazes – RJ.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-3479-8393>

E-mail: [leticiasn16@gmail.com](mailto:leticiasn16@gmail.com)

---

CHRISTIANO BRITTO MONTEIRO DOS SANTOS: Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); integrante da coordenação do History of Games International Conference Series.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1181-3392>

E-mail: [christianomonteiro@id.uff.br](mailto:christianomonteiro@id.uff.br)

---

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 4.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).